

Norman L. Geisler e William E. Nix, *Introdução Bíblica – Como a Bíblia Chegou até Nós* (São Paulo: Editora Vida, 1997) 253 pp. Traduzido por Oswaldo Ramos.

Lançado no ano passado, o livro é uma tradução de *From God to Us: How We Got Our Bible?*, publicado em inglês em 1974, o qual, por sua vez, é um versão abreviada da obra maior dos mesmos autores, *A General Introduction to the Bible*, publicada pela primeira vez em 1968 pela mesma editora (Moody Press).

Norman Geisler já é conhecido do leitor evangélico brasileiro por alguns de seus livros traduzidos, como *Introdução à Filosofia e Ética Cristã*, publicados pela Edições Vida Nova, e *Predestinação e Livre Arbítrio e Reencarnação*, livros dos quais é co-autor, publicados pela Editora Mundo Cristão. Foi professor de Teologia Sistemática no Dallas Theological Seminary (Dallas, Texas), de Filosofia da Religião na Trinity Evangelical Divinity School (Deerfield, Illinois) e atualmente é deão e diretor do curso de Apologética no Southern Evangelical Seminary, em Charlotte, Carolina do Norte, Estados Unidos. William E. Nix é menos conhecido entre nós. Atuou também no Seminário de Dallas como consultor editorial e educacional e atualmente é professor de Teologia Histórica também no Southern Evangelical Seminary. Supomos ser este seu primeiro livro traduzido em português.

Os autores dedicam cinco capítulos à questão da inspiração da Bíblia, cinco à questão do cânon, outros cinco às questões das línguas originais, material de escrita, manuscritos e crítica textual, e mais outros cinco ao histórico das principais traduções, tanto para as línguas antigas como para o inglês. O livro termina com um capítulo sobre "As traduções para o português", acrescentado à obra original pelo editor e extraído da *Bíblia de Referência Thompson*, com algumas adaptações, como diz uma nota de rodapé.

Embora de forma sucinta, a obra apresenta uma excelente discussão destes assuntos de introdução bíblica. Por usar linguagem acessível, não demasiadamente técnica, ela é útil não apenas para estudantes de institutos bíblicos e seminários, mas também para leigos que queiram ter um conhecimento mais profundo das questões da inspiração, canonicidade e transmissão do texto bíblico. Embora o texto procure explicar o que se entende por expressões técnicas tais como *unciais*, *antilegomena*, *homologoumena*, etc., mesmo assim, seria útil um glossário que tornasse esses termos e outros de igual natureza mais inteligíveis ao leitor menos

versado no assunto, já que visa atingir a este também.

Não obstante os autores serem de linha conservadora, alguns conceitos podem ser alvo de controvérsia, como é de se esperar em obra dessa natureza, e algumas expressões podem ser consideradas infelizes ou passíveis de má compreensão. Como exemplo do primeiro caso, podemos citar a afirmação, em si correta ao nosso ver, de que "a canonicidade é determinada por Deus e descoberta pelo homem" (p. 65). Como modos dessa descoberta, os autores apresentam diversos princípios, tais como: a autoridade do livro, sua autoria profética, sua confiabilidade, sua natureza dinâmica (efeitos que produz) e sua aceitação pelo povo de Deus. A "natureza profética do livro" é dada como o princípio essencial que "substitui todos os demais" (p. 71). Estes princípios certamente são válidos, como um todo, mas é questionável se eles, por si sós, são suficientes para determinar a canonicidade de um texto e levar alguém a descobri-la, de modo objetivo. Vários livros não canônicos também tentaram impor sua autoridade, pretenderam ser escritos por apóstolos ou profetas (*pseudonímia* - 2 Ts 2:2; 3:17), não apresentaram necessariamente incorreções teológicas ou fatuais, produziram resultados morais na vida de seus leitores e alguns até foram aceitos, durante certo tempo, por alguns segmentos da igreja. A *Epístola de Barnabé* e o *Pastor de Hermas*, dentre outros, se encaixam em alguns desses princípios. Por outro lado, certos livros canônicos deixaram de ser aceitos por alguns setores da igreja durante muito tempo, até séculos, como foi o caso de Hebreus. A questão não parece poder ser resolvida apenas por critérios objetivos. Segundo a tradição reformada, o princípio final que determina essa descoberta é o testemunho interno do Espírito Santo, que imprime no seu povo a percepção espiritual para aceitar o fato da inspiração e, por conseguinte, da canonicidade de um texto (ver *Institutas*, I, vii, 4). Esse aspecto interno e subjetivo, embora possa ser deduzido ou subentendido da afirmação de que "a canonicidade é determinada por Deus e descoberta pelo homem", não é mencionado na obra, nem mesmo como um dos modos de descoberta ou um dos princípios.

Como exemplo de expressão infeliz podemos citar a que se encontra na p. 13: "Cumprе ressaltar também que só o que a Bíblia *ensina* foi inspirado por Deus e não apresenta erro; nem tudo que *está* na Bíblia ficou isento de erro" (itálicos do original). Com esta expressão os autores não querem dizer que a Bíblia contém erros, como fica claro pela explicação que a segue, mas que contém o relato de atos maus e pecaminosos e o registro de afirmações falsas e mentirosas, como as de Satanás. No caso, o registro é que é inspirado, não a afirmação. Todavia, a expressão não é feliz quando afirma que "nem tudo que *está* na Bíblia ficou isento de erro".

Falta clareza na distinção entre o que a Bíblia ensina e o que ela registra.

Algumas impropriedades na correção do texto podem ser também detectadas. Por exemplo, na p. 115, falando de Hebreus, é dito que "o livro permaneceu sob suspeição entre os cristãos do Oriente, que não sabiam que os crentes do Ocidente o haviam aceito como autorizado e dotado de inspiração". Aí as palavras "Oriente" e "Ocidente" estão em posições trocadas. O correto é exatamente o oposto. A suspeição se deu entre os crentes do Ocidente que não sabiam que o livro era aceito como inspirado no Oriente. Também na p. 117, a Primeira e a Segunda Cartas de João são colocadas entre os *antilegomena*, quando a referência deveria ser à Segunda e à Terceira Cartas, não à Primeira. Na obra maior, *A General Introduction to the Bible*, ambos os dados estão corretos. Como não temos em mãos o original desta obra em inglês, não sabemos se as incorreções se devem a ela ou à tradução.

O livro não contém prefácio nem introdução, e, talvez por causa da natureza do assunto, nem conclusão. As notas de rodapé se limitam a um mínimo, certamente para diminuir o aspecto acadêmico da obra, prática que, por outro lado, priva o leitor mais interessado da documentação e do acesso às fontes usadas pelo autor.

Observações como estas, contudo, não tiram o valor da obra. Sua abrangência sobre o assunto, ainda que de modo resumido (o que pode ser considerado uma virtude e não um demérito, para fins de uma introdução), torna este livro uma das melhores introduções da Bíblia hoje, em nossa língua

— João Alves dos Santos